



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LETRAS**

**ALINE DOS SANTOS**

**MARGARIDA DE NAVARRA: UMA MULHER “AVANT LA LETTRE”**

**GUARABIRA  
2018**

**ALINE DOS SANTOS**

**MARGARIDA DE NAVARRA: UMA MULHER “AVANT LA LETTRE”**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA  
2018**

S237m Santos, Aline dos.  
Margarida de Navarra [manuscrito] : uma mulher "Avant la  
lettre" / Aline dos Santos. - 2018.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Margarida Navarra. 2. Mulher. 3. Escrita Feminina.

21. ed. CDD 801.95

ALINE DOS SANTOS

MARGARIDA DE NAVARRA: UMA MULHER “AVANT LA LETTRE”

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me concedeu forças, para ultrapassar as barreiras. A minha mãe Maria Dôres, que foi o meu suporte em vida e continua sendo em outro plano, ao meu orientador, Rafael Braz, pela sua dedicação e paciência durante o desenvolvimento desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Tenho certeza que sem a permissão de Deus não teria caminhado até aqui, e ter colocado pessoas na vida que me ajudasse a caminhar, a Deus; toda honra e toda glória seja dada a ele.

Uma dessas pessoas que Deus colocou em minha vida, foi o meu orientador Rafael Braz, não poderia de expressar minha dívida de gratidão, por ter sido um aporte de grande importância na elaboração deste, trabalho. Sua sabedoria transborda e é iluminadora, além de sua capacidade de tornar outros a se sentir capaz, obrigada.

À todos os professores que contribuíram ao se dedicar na minha formação durante a trajetória acadêmica, pois cada um passou em vida deixou um pouco do seu conhecimento .

A minha mãe (*in memoriam*): Maria da Dôres pereira de Lima, embora fisicamente ausente, sento a sua presença ao meu lado, dando-me força. Em suas palavras, dizia ter enorme orgulho, pois como pobre tinha uma filha cursando uma universidade, palavras está que me dava força para continuar quando pensava em desistir.

Ao meu pai José Luciano dos Santos, que sempre lutou para criar eu e meus seis irmãos, me ensinou princípios que trago no me meu coração.

Ao meu esposo, Gilson Lira dos Santos, pela força e compreensão e pelas vezes que estive ausente.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento sempre que foi necessário.

Aos meus colegas pelos momentos juntos, de companheirismo e amizade e apoio durante todo meu percurso.

E por agradeço a toda minha família, por estarem sempre presente, em minha caminhada e conquista.

“Meu único Salvador, que posso dizer?  
Vós sabeis tudo que eu desejo.  
Nada está oculto do vosso saber.  
O mais íntimo . do meu coração vós podeis ver  
Por a vós somente almejo! ”

Margarida de Navarra

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	07
2.	SURGIMENTO DA CRÍTICA FEMININA ATRAVÉS DA LITERATURA .....	08
3.	MARGARIDA DE NAVARRA: MAIS QUE UMA VOZ .....	11
3.1	A voz da mulher na reforma.....	13
3.2	Mulher, sociedade e literatura.....	14
3.3	Uma voz intelectual.....	15
4.	A VOZ QUE A SOCIEDADE NÃO APAGOU .....	16
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	22



## MARGARIDA DE NAVARRA: UMA MULHER “AVANT LA LETTRE”

Aline Santos\*

### RESUMO

Da idade média ao mundo contemporâneo aconteceram vários fatos históricos que, dificilmente, as mulheres são citadas ou são, simplesmente, mencionadas como personagens secundários. O sexo masculino sempre receberam os louvores da história, pois as lutas das mulheres que sobreviveram e conquistaram direitos em uma sociedade, na qual não é vista, deve ser algo a ser discutido e lembrado. Buscaremos analisar a escrita literária feminina na obra de Margarida Navarra. Com a finalidade de contextualizar o movimento feminino na época da idade através da escrita feminina e, ao mesmo tempo, contextualizar o papel da mulher na sociedade. A abordagem que supõe a crítica feminina sobre a perspectiva de Maria Ozana Zolin (2005), enquanto para aspectos sócias na idade média Rute Silviano de Almeida (2010). Relacionar obra a escrita feminina com base nos estudos de Lucia Castelo Branco (1991). A análise mostrou que Na décima primeira novela, mostra o medo ardente de a mulher manter-se honrada perante uma sociedade, pois para evitar uma circunstância gritou desesperadamente, e acabou exposta a todos em situação humilhante na presença daqueles que tanto apavorava, eram os homens.

**Palavras-chave:** Margarida Navarra. Mulher. Escrita feminina.

### 1 INTRODUÇÃO

Da idade média ao mundo contemporâneo aconteceram vários fatos históricos que, dificilmente, as mulheres são citadas ou são, simplesmente, mencionadas como personagens secundários. O sexo masculino sempre receberam os louvores da história, pois as lutas das mulheres que sobreviveram e conquistaram direitos em uma sociedade, na qual não é vista, deve ser algo a ser discutido e lembrado.

Qual a importância de falar da mulher na idade média? As mulheres conquistaram muitos direitos, isso é fato, mas há ainda muita desigualdade entre homens e mulheres. Retornar ao passado, vemos como eles lidaram com as dificuldades em sua época e os meios utilizados para se destacar numa sociedade machista. Para promover a paz e preciso lembrar as guerras. Para dar significado à vida e preciso lembrar-se da morte. Para ocupar o lugar de direito é preciso lembrar-se da exclusão.

Nada mais saboroso do que ver a mulher num papel de destaque, assim, ao decorrer deste presente Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, veremos muitas vezes a palavra

---

\* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: [alinesantospiloes@gmail.com](mailto:alinesantospiloes@gmail.com)

mulher, começando a escrever sobre sua vida na sociedade deste de então a chamada 'idade das trevas', mas, na qual a mulher começou a ocupar seu espaço.

As mulheres na idade média não tinham muitos meios de se sobressair daquela vida que já era predestina. Nascia para servir ao homem, ter filhos, se for menina educava para ter seu mesmo destino, se menino era educado para assumir um papel diante à sociedade. Esse fato, foi mudando aos poucos e o principal meio que deu voz a mulher, foi através da escrita, que era algo, também, que pertencia só aos homens.

Nesta linha de pensamento, propomos nesse estudo analisar o movimento feminista na idade média através na obra *Heptameron*, da escritora Margarida de Navarra, assim como a conquista da escrita literária feminina naquela época, a partir de um estudo analítico da referida obra, em torno da décima primeira novela.

Em sua primeira publicação, as novelas foram decepidas, a obra só obteve reconhecimento na sua segunda publicação em 1559, que teve como editor Claude Gruget, que montou de *Heptameron*, por conter apenas 72 novelas. A intenção de Margarida era escrever um *Decameron* respectivo inspirada no *Decameron* de Boccaccio, mas veio a falecer antes de concluí-lo. É um livro de novelas relatado tanto por mulheres quanto por homens, essas personagens, possivelmente, fazia parte da corte de Navarra. Expõe o cotidiano das pessoas e a rotina existente na cidade.

Cinco mulheres e cinco homens fugiam de uma inundação, se refugiaram no Notre Dame de Serrace. Como tinha que esperar de dez a doze dias até que a ponte fosse reconstruída pensaram em escolher alguma atividade para ocupa o tempo. Depois de alguns sugestões decidiram que pelas manhãs iam se ocupar com atividades religiosas e ao meio dia se reuniriam na campina debaixo de uma árvore e cada um contava uma história por dia.

As novelas retratam as infidelidades e as indecências dos monges. O enredo da décima primeira novela, relata o um acontecimento, na qual a Senhora Roncex estava em um sítio para um retiro, junto levou com ela uma aia de nome de La Mothe.

A Senhora sentiu a necessidade de ir ao banheiro, só existia um que era utilizado por todos. Apressadamente, Roncex se apoia no buraco da sétima, o lugar estava tão imundo que sujou toda a sua naldegas. Para não acontecer um estrago maior permaneceu com a saia levantada.

Ao se ver naquela situação naquela situação gritou pedindo ajuda à aia, esta ao ouvir os gritos de sua amiga gritou, socorrer minha senhora que os franciscanos estão querendo agarrá-la. Logo, todos correram, quando viram a Senhora Roncex imunda e nua, começaram a rir dela e, logo depois disto, por vergonha ficou isolada em seu quarto até o fim do retiro.

A maioria das obras de Margarida Navarra, é de caráter religioso, pois a escritora teve grande contribuição na Reforma Protestante. A escritora apoiava à Reforma Protestante e declamou suas ideias em seus poemas, como em *o espelho da alma pecadora*, publicada em 1531.

A obra que marca escrita literária de Margarida Navarra e se destaca por ser um estilo literário diferente das demais é o *Heptameron*. Através de suas novelas podemos perceber uma forma da autora criticar os moldes da sociedade que une o profano e o divino, essa escrita “grita” o feminismo de Navarra.

É, nesse cenário, que buscaremos analisar a escrita literária feminina na obra de Margarida Navarra. Com a finalidade de contextualizar o movimento feminino na época da idade através da escrita feminina e, ao mesmo tempo, contextualizar o papel da mulher na sociedade.

Todavia, podem-se especificar nossos objetivos como: a-) refletir sobre o surgimento do movimento feminismo através da escrita literária; b-) contextualizar a biografia de Margarida Navarra, destacando sua contribuição na Reforma Protestante, assim como, uma mulher dividida entre o amor e seus ideais; c-) analisar as denúncias sociais, através de sua escrita.

Nessa concepção, conduz-se a presente pesquisa, procurando valorizar a voz feminina, na idade média, baseando-se no estudo da escrita literária feminina e, assim, ver o modo de como surgiu à primeira manifestação do movimento que hoje é caracterizado como feminismo. Sendo essa pesquisa de caráter quanti/qualitativo.

A abordagem que supõe a crítica feminina sobre a perspectiva de Maria Ozana Zolin (2005), enquanto para aspectos sociais na idade média Rute Salviano de Almeida (2010). Relacionar obra a escrita feminina com base nos estudos de Lucia Castelo Branco (1991).

No primeiro tópico, nomeado - *o surgimento da crítica feminina através da literatura* - expomos os primeiros estudos sobre a escrita literária feminina, e o que mudou em relação de como a mulher passou ser inserida no contexto social.

No segundo tópico, intitulado - *Margarida Navarra: mais que uma voz* -, situamos a vida da rainha de Navarra: como cristã um exemplo, como filha obediente, como irmão amor incondicional que teve contribuição na Reforma Protestante, com mãe amou, como mulher conheceu o amor, como escritora foi uma mulher a frente de seu tempo.

Finalizamos com tópico chamado - *A voz que a sociedade não apagou* - expondo a teoria do movimento feminismo, a crítica literária feminina e com a prática da escrita literária,

ou seja, uma análise da décima primeira novela e outros contos do livro *Heptameron*. Por fim, nossas considerações finais, e as referências utilizadas para a elaboração desta pesquisa.

Nesta presente pesquisa, buscamos evidenciar o papel da mulher na sociedade na idade média, e suas contribuições. Evidenciar a principal fonte que deu voz, sendo a escrita, pois a literatura eterniza a voz, refaz conceito e mostra a verdadeira história calada por longos anos. Temos um pensamento de que a mulher nos tempos antigos sempre foi submissa ao homem e a sociedade, isto de certa forma, é uma controversa, pois a mulher sempre lutou com a “arma” que estava em seu alcance. Ser submissa é se conformar na situação que está e se fosse, assim, a mulher não teria mudado seu papel na sociedade.

## 2 O SURGIMENTO DA CRÍTICA FEMININA ATRAVÉS DA LITERATURA

A crítica feminina, apresentar ser aparentemente um tema da atualidade, um novo fenômeno do século XX, porém vem sendo debatido desde século IX e de acordo com Zolin (2005), a partir do ano de 1960, há uma reflexão sobre o feminismo, as mulheres passaram a ser estudada em várias estâncias, seja no campo da ciência, da sociologia ou como da crítica literária que é um dos objetivos a ser discutido neste presente artigo.

Em 1970, o estudioso Kete Millet, publica nos Estados Unidos uma tese de doutorado cujo título *sexual politics*, na qual a mulher é vista como leitora e escritora, assim, quebrando paradigmas o sexo feminino deixou de ser figurante ou de ser apenas um útero e passou a ser uma integrante da sociedade.

Ao falamos do movimento feminista, não é uma luta contra o sexo masculino, não é ser superior ao homem, mas simplesmente é devolver àquilo que nunca foi dado ou respeitado, direito de igualdade. A literatura e o feminismo estão interligados, pois a literatura foi uma das primeiras pontes de expressão que a mulher teve e, assim, começou um lento processo, no qual a mulher se tornava sujeito de si, a ter voz, mesmo que calada. Mesmo aqueles que não quisesse ouvir, seu grito estava lá. O que tá escrito o tempo nem o preconceito apaga.

No que se refere a posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias socio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo pagamentos difundida na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculos pelos direitos da mulher. (ZOLIN, 2005, p.181).

A crítica literária feminista é um processo que atua no âmbito social, cultural e político. Promove a reflexão social sobre a distinção entre homens e mulheres, ou seja, que

não seja diferenciada pelo um órgão do corpo, assim desconstruído a discriminação pela ideologia de gênero.

A mulher deixa de ocupar um lugar secundário e ocupa seu lugar de direito de igual para igual. É importante reafirmar que a escrita era permitida só ao homem, escrever textos foi uma conquista do universo feminino e só na década de 1970 foi que houve um reconhecimento da escrita literária de autoria feminina.

A crítica feminista, surgida por volta de 1970 no contexto do feminismo, fez emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Tornando como elemento norteador a bandeira do feminismo e, portanto, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber da literatura. (ZOLIN, 2005, p. 275).

Mesmo a crítica feminista ter surgido por volta de 1970, o reconhecimento de obras literárias femininas, aconteceu num processo lento, ainda muitas vezes estão esquecidas, outras estão sendo resgatadas na contemporaneidade. Ainda é precoce o reconhecimento dos críticos de obras literárias de autoria feminina no cânone literário. É de fundamental importância o estudo destas obras, pois remete a rupturas de valores considerados tradicionais.

### 3 MAGARIDA NAVARRA: MAIS QUE UMA VOZ

Carlos d'Angoulême era primo de Luiz XI, rei da França e Luísa de Savóia, filha do conde Felipe de Bresse. O enlace matrimonial foi arranjado pelo rei, mesmo após sua morte, o acordo matrimonial continuou. Com a união entre os dois, nasceu Margarida em 11 de abril de 1492, após dois anos nasceu o seu amado e único irmão, que recebeu o nome Francisco de Paula, em homenagem a um eremita que previu para Luísa o nascimento de um menino, que seria no futuro o rei da França<sup>†</sup>.

Francisco era cheio de virtudes e sua Mãe se dedicou inteiramente em sua educação. O seu primo o rei Luiz III, também, se preocupou em extrair-lo, cuidar pessoalmente de sua educação, mandou-lhe duque de Valóis, pois como não tinha herdeiros ao trono, Francisco era o próximo na linha de sucessão.

Margarida era muito inteligente e sua Mãe se orgulhava dela quase igual ao seu irmão, mas aos seis anos teve sua educação sob tutela da Madame de Châtillon, pois com a

---

<sup>†</sup> Conforme informações bibliográficas apresentadas pela pesquisadora ALMEIDA, R. S. *Uma voz na reforma*. São Paulo: Hagnos 2010.

morte de Luiz de XI, teve que se dedicar, exclusivamente, a Francisco. Margarida, embora não ter uma fisionomia bela tinha uma beleza digna de uma princesa, de uma estatura alta, a cor dos olhos era azul e possuía várias virtudes.

Sabia falar três idiomas: Espanhol, Francês e Italiano e, sempre, estudou, mas não estudava por obrigação, era mais uma de suas virtudes, estava sempre em busca do saber. Era também modesta, sensível e procurava fazer o bem, durante a vida e sua conduta era exemplar.

Ela combinava as qualidades de caráter com virtudes cativantes. Em todas as recepções da corte brilhava como rainha, encantando e prendendo os corações. Era também apaixonada pelo saber e costumava ficar em seu quarto, pensando, estudando e aprendendo. Porém sua principal paixão era fazer o fazer o bem. (ALMEIDA, 2010, p. 83).

Margarida como filha sempre foi obediente, sua Mãe a educou para ser uma verdadeira princesa, porém não herdou a conduta de sua Mãe, pois diferentemente dela, Luiza era ambiciosa, avarenta e egoísta, sem princípios. Mesmo seu amor maternal pelos filhos, toda sua preocupação e dedicação em educá-los e para seu próprio ego. Margarida, a amava e respeitava tanto que não enxergava os defeitos de sua Mãe. Mesmo sendo diferente de sua mãe nunca a julgou ou faltou com respeito e obediência, pois conforme a pesquisadora Almeida (2010, p. 84) *“Ela respeitava e obedecia à sua mãe, considerava-a a discreta e virtuosa cuidou dela em suas doenças e velhices, mas não seguiu seu exemplo”*.

De acordo com o pensamento de Almeida (2010), Margarida sendo apenas dois anos mais velha que seu irmão, junto com sua mãe se dedicou a educar o irmão. Esteve sempre ao seu lado, até mesmo após seu casamento. Quando Francisco se tornou rei da França, ela sempre procurou manter contato, aconselhou durante seu reinado. Cuidou de seus filhos enquanto estava preso no cativo.

Margarida tinha a esperança que quando seu irmão fosse liberto, ele também libertaria seus amigos reformadores. Para seu desgosto, o mesmo voltou com mais furor e as perseguições continuaram. Ela tinha uma verdadeira adoração ao irmão, era seu herói. Mesmo seu irmão indo contra seus princípios, não saiu ao lado do irmão. Era a sina de mulher dividida entre o amor e razão, pois conforme Almeida (2010, p. 89) *“Eis a nossa personagens, uma mulher dividida entre o amor às novas ideias da reforma, o amor à paz, à caridade e amor ao irmão que promoveu tantas guerras e perseguições”*.

Mesmo contrária as ideias de seu irmão, nunca deixou de amá-lo e, assim, como foi com sua Mãe, mostrou ao mundo o amor sem medidas, sem egoísmo, amar ao próximo do

que jeito é. Mostrou em suas atitudes o seu ideal da nova reforma religiosa. Seu irmão durante o reinado perseguiu todos os hereges, contra a sua vontade.

Dividida entre o amor e razão. Seu amor era tão grande, que depois da morte de Francisco, julgou que ia morrer imediatamente, não foi o que aconteceu, causando-lhe dor e o desejo de alcançar o Paraíso aumentava, tornando-lhe um suplício viver.

De acordo com Almeida (2010), como cristã Margarida almejava casa-se com um homem unicamente. Aos 17 anos, casa-se pela primeira vez com o Duque de Alençon, mesmo ela pertencente à família considerada real, ele não possuía virtudes de nobres. Seu casamento foi arranjado por sua mãe e o rei Luiz II.

Mesmo sem amar o duque, ela obedeceu sem recusa. Sendo ele tão diferente dela, não conseguiu amá-lo como esposo, mas sempre foi fiel, ajudou em suas conquistas, usou de suas influências para conseguir cargo na qual não tinha capacidade de assumir. Seguiu seus princípios até a sua morte, que foi após voltar da guerra de Paiva. Enfraquecido e com remorso, por ter abandonado o querido irmão de sua esposa, que foi feito prisioneiro. Ao chegar a sua casa, fraco da batalha ficou doente e veio a falecer.

O rei tentou casar Margarida com Enrique VIII, ela recusou, usou de argumentos que não se casaria por causa de sua esposa ainda não ter falecido, além disso, ele estava apaixonado pela sua ex-dama de honra, ferindo seus princípios de cristã. Seu irmão acabou aceitando seus argumentos e concordou em casa-la com outro. O seu segundo esposo foi o príncipe de Navarra, Henrique d'Albret, esse teria sido prisioneiro junto com seu irmão. Esse novo enlace agradaria em muito os dois, mesmo sendo ele onze anos mais novo o que importava no momento, era que tinha os mesmos anseios.

Quando selaram a união partiram para Navarra, lá os dois reinaram com destreza, o reino se tornou próspero como nunca antes, fundaram escolas e hospitais. Da união, nasceu uma filha e um filho. O menino veio a morrer apenas com seis meses. No começo, a união entre eles era boa, Margarida estava satisfeita, pois tinha ao seu lado um homem que o amava, e, assim, foi por um bom tempo, mas com o decorrer dos dias Henrique começou a olhar para Margarida como espécie de mãe e conselheira, e não tratava com cavalheirismo.

Todavia, com a morte do seu filho e sua filha Joana ter ido morar com seu irmão, além da diferença de idade, esses fatos podem ter contribuído para o afastamento do seu esposo. Margarida ficou doente e viu que não ia viver muitos dias. Resolveu dedicar-se às práticas religiosas e se afastar, totalmente, de seus deveres reais. Após sua morte o rei sentiu-se perdido, não conseguia mais tomar decisões, pois perdeu seu alicerce e sua filha com seu esposo se assumiram o reino.

### 3.1 A voz da mulher na reforma

Idade média, todos os homens tinham o direito de estudar, geralmente, só interessava aos nobres. As mulheres nobres, também, tinham o direito de estudar ou por interesse dos pais, só por vontade dela mesma, mas as mulheres que não fazia parte da nobreza o direito de estudar era restrito, pois sempre foram estruídas a serem esposas obedientes e tomar conta dos filhos, da casa, silenciada e sem valores na sociedade.

A primeira forma de educação para a mulher foi através dos ensinios religiosos. Conforme Almeida (2010) o renascimento por ser um movimento burguês, voltado para beneficiar as classes mais pobres, não mudou o conceito do papel da mulher na sociedade. Mas surgiu um novo discurso, no qual todos eram iguais perante Deus, inclusive as mulheres, assim, as mulheres da época tiveram o direito de estudar. Todavia, era um estudo voltado às práticas religiosas. Sendo assim, é possível afirmar que a primeira forma de educação da mulher foi através da Reforma Protestante.

O impulso mais forte para a educação elementar das mulheres proveio naturalmente do protestantismo. Se cada crente devia conciliar-se pessoalmente com Deus, e se Deus falava através das escrituras, então todos deviam aprender a ler. Lutero desejava que fossem instituídas escolas para as raparigas, onde se deveria ler as Escrituras durante uma hora por dia, em alemão e em latim. (ALMEIDA, 2010 *apud* KING, p. 52-53).

Nos séculos seguintes de acordo com a pesquisa de Almeida (2010), houve um retrocesso, pois a mulher volta a ser vista, apenas, como uma procriadora ficando restrita ao ambiente doméstico. Não possuía identidade, era totalmente sujeita aos pais e quando cassava era responsabilidade do marido. Se sua filhas não chegasse a se casar, era enviada para o convento, pois não tinha serventia na sociedade e esse era a solução as consideradas inúteis. No monastério as noviças estudavam escreviam livros, a maioria religiosos e por vezes, escrevia sobre sua indignação, pelo seu destino de estar enclausuradas.

Algo interessante que observamos durante os estudos, mesmo a mulher não tendo significância alguma naquela época, era ela, que exercia o papel principal para desenvolvimento da sociedade. Como por exemplo, era responsabilidade a educação dos filhos, deveria transmitir os valores, instrui-los, cuidar para que andasse em um bom caminho. Cuidar de todos os afazeres da casa e até zelar pelo nome do marido, afim de que seu marido não fosse ridicularizado, por fim, cuidar dos negócios na ausência do marido.

### 3.2 Mulheres, sociedade e literatura.



Podemos afirmar que a literatura é libertadora e dá voz aos silenciados e eterniza os esquecidos. Há poucos registros históricos que nos mostra a vida da mulher na sociedade. Mas aos poucos vem desempenhando um papel de destaque no mundo machista. De acordo com Almeida (2010), com a escrita da poesia feminina, cada vez mais constantes, as mulheres foram conquistando um pequeno espaço no mundo da arte e da cultura. Com a participação de mais mulheres no meio social os homens perceberam que eles não eram meros adornos, pois eram cultas e delicadas.

Os homens perceberam que sua conversa não era completa sem participação das damas. Elas sabiam conversar, eram cultas, inteligentes e passaram a transformar a sociedade em menos grosseira, mas moral e mais atenta à mulher à criança. A própria Margarida Navarra contribuiu para isso, esforçando-se por impor aos cortesãos de Pau e de Nérac algum respeito pelas damas. (ALMEIDA, 2010, p. 63).

A mulher não podia ter voz, mas tinha a literatura ao seu favor e foi sua arma de combate e continua sendo no mundo contemporâneo. Na idade média, a mulher não se contentou, apenas, em ser aceita nas salas de conversa, buscou alcançar objetivos através do argumento da escrita.

Elevando suas vozes, as mulheres começaram a escrever e a lutar não mais com o fuso, mas com pena. Para elas, seu combate pela paz era com seus escritos. Estavam empenhadas numa missão sagrada e, em primeiro lugar, escreviam sobre os filhos, para os filhos e aos filhos, depois escreviam a Deus, para Deus e a respeito de Deus. (ALMEIDA *apud* KING, 2010, p.64).

As escritoras da época não era bem vista como afirma Almeida (2010), era vista como assexuadas. Recebiam concelhos para voltar a sua rotina cristã e de esposa submissa ao marido, cuidar da educação dos filhos e do lar.

Para Almeida (2010), as classes de mulheres escritoras eram divididas em seis, eram as mulheres da nobreza, as damas cultas da sociedade. Elas escreviam poesias líricas como, por exemplo, orações e novelas. A segunda classe eram as mais perseguidas, por ser eruditas, escreviam diálogos, cartas, traduções e ensaios com temas filosóficos. Fazia reflexão de suas ideias e conceitos, sempre em busca do saber, por isso, eram mais avida em busca do direito da mulher.

O terceiro é o grupo de freiras, que são as principais representantes dos escritos na idade média. O quarto grupo era formado por cortesã que escrevia poesia lírica e o quinto grupo de mulheres militantes políticas e religiosas e, por último, o sexto era de damas escritoras.

### 3.3 Uma voz intelectual

Margarida, uma mulher cristã, culta, bondosa, caridosa e escritora. Como cristã ela lutou pela reforma, mesmo dividida entre o amor do irmão e a nova reforma. Denostrou em suas atitudes exemplos de bondade e caridade, pois de acordo com Almeida Apud Ibidem (2010, p. 127) “*Sua caridade não tinha limites e excedia a sua renda. Quando qualquer caso de angustia peculiar lhe era retratado, ia visitar e os sofrendores e os inquiria sobre a situação. [...] também dava dinheiro e o que mais fosse necessário aos seus súbitos carentes*”.

Nesta linha de pensamento Almeida (2010) argumenta que Margarida tomou para si os novos conceitos da reforma e ela não tinha o propósito de fundar uma nova ordem religiosa cristã, mas de santificar a antiga ordem, pois para Margarida que viveu a reforma, sua vida é o maior exemplo.

Assim viveu Margarida, preocupada com os pobres, com os órfãos, idosos e doentes. Ela vivia a prática do cristianismo e merece ter seu nome ressaltado na história da Reforma como exemplo de cristã, pois sua fé era acompanhada de boas obras. Free observa, com sabedoria, que o tributo mais glorioso para a memória de Margarida foram lágrimas derramadas sobre sua tumba por seus súbitos pobres. (ALMEIDA apud SICHEL, 2010, p. 129).

Na literatura, Margarida foi brilhante, escreveu poemas como; *Les marguerites de marguerites de princesses* (As perolas da perola das princesas). *Les navire* (O navio). *Les prisons* (As prisões). Um dos poemas mais conhecido é o *Le miroir de l'ame peccheresse* (O espelho da alma pecadora).

#### 4 A VOZ QUE A SOCIEDADE NÃO APAGOU

Como foi visto anteriormente, Margarida era uma escritora literária diversificada, mas conhecida como uma literata cristã, porém seu foco principal desde presente pesquisa é a sua obra *Heptameron*, pois se destaca das demais, segundo Almeida (2010).

O *Heptameron* foi o meio que ela encontrou para transmitir os princípios do pensamento reformista para leigos. Usando da retórica alegórica, um método de comunicação obscura que pretende ocultar a verdade para muitos, apresentou ideais teológicas escondidas sob o véu de fábulas até más e indecentes, acreditando que podia incentivar os leitores a unir uma leitura agradável com descobertas morais, filosóficas e políticas. (ALMEIDA Apud TRYSELL, 2010, p. 162).

Navarra, como já foi dito, teve grande contribuições na Reforma Protestante na idade média, como exemplo de vida e escritora. Agora, iremos descrever o seu lado feminismo em sua escrita. Margarida denunciou as mazelas da sociedade através de sua literatura e conforme Almeida, (2010) a importância maior do *Heptameron* está na exposição da época, com relatos da vida e dos costumes sociedade.

O destaque desta análise não é observar os comportamentos isoladamente das autoridades religiosas, nas refletir sobre o feminismo imposto nela. observamos uma autora que caracteriza sua escrita feminina pela a audácia de denunciar as imoralidades que aconteciam na França.

Davis considera o *Heptameron* muito para a compreensão das possibilidades da voz feminina. Com seu formato complexo e inventivo, os contos tratam homens e mulheres com igualdade: ambos os sexos podem ser castos, como também ambos podem enganar seus parceiros: porém em relação à violência, os homens são campeões. Em apenas dois contos as mulheres mata alguém diretamente: elas mesmas. Uma delas, movida pela tristeza, quando seu amante morre repentinamente em seus braços (conto 50), e outra em desespero, porque, acreditando que estavam com seu próprio marido, teve relacionamento sexual com um monge, seu confessor espiritual, logo depois de dar à luz seu filho (conto 23). (ALMEIDA *Apud* DAVIS, 2010, p. 158) †.

Na décima primeira novela, narra à história de uma mulher que vai a um banheiro imundo e ao se sujar com todo cuidado para o estrago não ser maior pede ajuda desesperadamente a sua aia:

E assim se viu mais presa do que fosse grude, e com as pobres nalgas, veste e pés tão espantosamente borrados, que não se atrevia a andar ou virar-se para lado nenhum, com medo de lhe acontecer ainda pior. Desatou por isso a berrar o mais alto que podia:

-Lamothe, amiga minha, estou perdida e desonrada! (NAVARRA, 1976,128)

Diferentemente, de outros contos, esse não havia tentativa de estupro, vemos uma situação em que uma mulher se sente acuada, fragilizada, ao ponto de pedir socorro para que ninguém a visse naquele estado, desencadeando uma tragédia, é humilhada perante os homens que a ver naquele estado, imunda.

Essa novela nos revela outro ponto:

A pobre aia, que em tempos ouvira contar coisas sobre a malícia dos franciscanos, suspeitando que estivessem alguns lá dentro escondidos, que a quisessem apanhar a força, desatou a correr, dizendo:

- Vinde socorrer a senhora de Roncex que os franciscano querem agarrar à força naquele retiro. (NAVARRA, 1976,128)

Como sabemos a senhora Roncex, não estava sendo abusada sexualmente, mais a aia imaginar que estava acontecendo, nos mostra que os estupros eram algo que acontecia frequentemente, e que era sabido da sociedade.

Imagine se a mulher podia reclamar de um abuso sexual na idade média. Pois Margarida fez isso brilhante em sua obra, ao descreve três situações em diferentes novelas, mas que relata o mesmo contexto social na qual a mulher está exposta. Na décima primeira novela;

---

† DAVIS, N. Z. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p. 154-155.

E logo correram todos naquela grande diligência; e foram dar com a pobre senhora de Roncex a gritar por socorro, a ver se ali aparecia alguma mulher para limpar. E tinha o traseiro todo à mostra, com medo de aproximá-la, não fosse estragar. Aos seus gritos acorreram logo os fidalgos, que apreciaram o belo espetáculo e não acharam nenhum franciscano a atormentá-la, tão-só viram a porcaria com que ela tinha as nádegas untadas. O que não deixou de os fazer rir a eles, e de lhe causar certas vergonhas a ela... (NAVARRA, 1976, p.128)

Margarida utiliza de uma linguagem simbólica, para descrever o que é real, vislumbrar o que não se pode ver, mas que não deixa de ser real. O abuso sexual é um fato relevante para uma desonra da mulher, mas está suja é? Vemos que a sujeira física que se encontra que se encontra na senhora Roncex é a sujeira que se encontra no interior dos franciscanos, e todos ali presente, pois ao invés de ajudar riram dela deixando-o em situação constrangedora. Essa característica define uma linguagem da escrita feminina de acordo com Branco;

[...] o real, embora funcione na base do simbólico, é também uma construção do simbólico, na medida em que é só através do simbólico que podemos falar do real, da mesma forma em que é através do simbólico que o real permite vislumbrar. Sim, porque se não é tangível e capturável, o real é demonstrável, uma vez que sempre atravessa o discurso e as construções do sujeito efetuando algumas “trapaças” na linguagem [...] O essa escrita feminina é justamente essa modalidade de escrita que pretende falar o real dizer o real. Mas se o real é o indizível, como dizê-lo? Talvez produzindo sugestões do real, talvez construindo uma escrita que, irremediavelmente simbólica [...]. (BRANCO, 1992, p. 63-64).

A mulher estava a mercê da sociedade naquela época. Margarida, na décima primeira novela, mostra uma mulher que ficou em uma situação vergonhosa por causa do seu desespero se ver desonrada ao mesmo tempo confirma a angústia da mesma, pois os curiosos ao vê-la começaram a rir do estado dela.

Vejamos outro exemplo na vigésima segunda novela; mostra a resistência de uma freira de não ceder as vontades do prior. Foi bastante corajosa ao enfrenta-lo, por várias vezes e, chegou um ponto que o prior, fez com que ela ficasse reclusa, e aguentou firme até sua pedir ajuda a rainha. .

Margarida diferencia essa personagem das demais, pois o prior tentou utilizar de todas as armas para que a freira cedesse as suas vontades, mas ela foi capaz de ver as mais intenções do prior, e as investidas repugnantes não cessava, mas sempre resistiu, e resistência e uma característica nata do feminismo.

*O prior falhou-lhe sobre seu amor e quis colocar as mãos nos seios dela, o que ela tentou impedir tanto quanto possível. Ele, com muita raiva, exclamou:*  
 - *Como pode uma freira saber que tem seios?*  
 - *Eu sei que tenho, respondeu a irmã Maria, e estou certa de que nem vós ou qualquer outro deve toca-los. Eu não sou tão jovem ou ignorante para não saber que é um pecado e que isto não deve ser feito.* (NAVARRA, 1976, p.166)

Vemos nesta escrita o empoderamento feminino, um sexo considerado frágil na época, trava uma batalha de resistência com uma autoridade religiosa do sexo masculino. E após tantas tentativas, ela conseguiu manter-se intocável e o prior foi expulso do convento.

Na vigésima terceira novela narra a história de uma mulher que foi enganada pelo seu confessor, ele se deitou com ela fingindo ser seu marido. Ao descobrir o que o monge tinha feito, ela por ser considerada uma mulher da sociedade honrada agora se sentia a mulher mais miserável do mundo, ao se enforcar, ao cair na cama morta tirou a vida do próprio filho. Expressa uma circunstância de tragédia. A autora mostra à alta-punição ao ser ver abusada. Como cita Branco (1991), Por isso para Bartes, o texto de gozo é sempre insuportável, sempre colocando em jogo à morte, a perda, a destruição das certezas do sujeito, a ruína de seus alicerces.

Podemos observar na vigésima terceira novela; Nesta a autora expõe a inocência de um de uma mulher, que foi enganada pelo seu confessor, utilizando do símbolo da morte para liberação da vergonha após a desgraça, e como uma forma de punição, sendo esses aspectos uma característica da escrita feminina.

Só estavam hospedados em sua casa o irmão de sua esposa e o monge. Verificando que o quarto do cordelier estava vazio, ele afirmou para mulher:

- Esteja certa, minha cara, que quem esteve com você, não foi outro senão nosso confessor.

A senhora a quem a honra sempre fora preciosa ficou tão horrorizada que suplicou vingança por aquela crueldade.

O esposo montou em seu cavalo e partiu em perseguição ao frade enquanto a esposa sozinha em sua cama, sem qualquer consolação, sem considerar que fora enganada, julgou-se culpada e a mulher mais miserável do mundo. (NAVARRA, 1976, 176)

É brilhante como Navarra, utiliza de uma linguagem profana para criticar o sacro. A autora não tem o intuito de criticar em si religião, pois foi um exemplo de mulher cristã, mas é uma forma de questionar uma conduta das autoridades religiosa de não viverem o que se pregar. Ao mesmo tempo em que contestar de como as mulheres eram tratadas, na idade medieval as mulheres eram vista como um objeto de tentação ao homem pode ser que surgiu essa cultura de as mulheres tinha que ser manterem-se honrada.

Por essa escrita foi perseguida, só não obtiveram êxito, por que Margarida fazia parte da realeza, como rainha de Navarra e irmã do rei da França, segundo Branco (1991), a escrita feminina incomodada os homens, por causar polêmica, dizer aquilo que a sociedade não que escutar, por diferenciada da linguagem da mulher submissa.

De fato A escrita da autora na obra *Heptameron* é marcada pelo um contexto, religioso com as imoralidades dos monges, ficando evidente uma busca de evidenciar o sacro e profano. Uma violência sexual, e uma violência psicológica, pois eram impostos padrões

machistas, que se foi formando culturalmente, na qual a mulher era educada desde o berço para não se desvirtuar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, foi desenvolvida a análise bibliográfica através da literatura de autoria feminina, o *Heptameron*, da autora francesa Margarida de Navarra. A abordagem feita parte de uma reflexão acerca da escrita literária feminina na idade média, visando o contexto sociocultural da época. Desta maneira, a pesquisa intitulada *Margarida de Navarra: uma mulher "avant la lettre"*. Nas novelas *Heptameron*, de Margarida de Navarra, mostra um estudo acerca da vida e dos costumes da sociedade francesa em sua época.

A importância e significância desta pesquisa estão presentes em sua temática, que traz o surgimento do movimento feminismo através da escrita literária, como forma de denunciar o quanto a mulher estava sujeita a sociedade através das análises da décima primeira, fazendo relações com a vigésima segunda e vigésima terceira novela. Mulheres que, culturalmente, para ser valorizadas tinha que permanecer honradas aos moldes da sociedade medieval francesa.

Finalizamos com artifícios narrativos, tais como os princípios do foco narrativo, a analisar as personagens femininas em meio à sociedade. A autora caracteriza comportamentos de homens e mulheres, em meio aos costumes e as imoralidades.

Analisamos, ainda, na pesquisa de Navarra, uma visão baseada nos ideais contemporâneos, pois as histórias são contadas por dez personagens, sendo cinco homens e cinco mulheres. Ambos decidiram em conjunto qual atividade, além da religiosa seria melhor para passar o tempo, decidiram que cada um tinha o direito de contar uma história. Algo relevante é após o término do conto havia uma reflexão em conjunto sobre a história que foi posta.

Vemos as dificuldades que passaram para a conquista de direitos. Fazemo-nos certa pergunta como elas aguentavam essa vida? Sabemos que a resposta está em contexto sócio-cultural, uma educação que era transmitida de geração em geração. O meio mais eficaz de reivindicar e através da escrita, pois se eterniza entre os tempos.

A mulher, hoje, na sociedade enfrenta desigualdades, preconceito, falta de espaço, entre outras coisas, essas são as dificuldades que passamos a cada instante. Sabemos que temos muitas vitórias a celebrar e muitas ainda a conquistar, é incrível reconhecer nossa história através de um livro escrito na idade média.

Após a autora francesa escrever sua novela, *Heptameron*, a princípio aparentava ser um livro de entretenimento para leitores de sua corte, como o *Decameron de Boccaccio*, porém contrariando alguns leitores da época, Margarida, descreveu as vidas e costumes do povo francês, não perdoou de descrever as indecências da corte. Houve uma grande crítica ao relacionar o sacro com o profano. Segundo Almeida (2010), ela foi perseguida por essa escrita, e só não obtiveram êxito em sua perseguição, por que fazia parte da nobreza.

Nas novelas de Margarida de Navarra, as personagens femininas que busca manter sua honra ao mesmo tempo em os franciscanos tentam abusar delas. A autora escreve brilhantemente situações vivenciadas na época. Mulheres que pecaram por inocência e desespero, enganadas covardemente, que utilizaram de esperteza para se sobressair de situação ultrajante. A autora não tinha o propósito de omitir nada, pois em suas novelas, tinha personagens femininas com conduta obscena.

Na décima primeira novela, mostra o medo ardente de a mulher manter-se honrada perante uma sociedade, pois para evitar uma circunstância gritou desesperadamente, e acabou exposta a todos em situação humilhante na presença daqueles que tanto apavorava, eram os homens.

Vemos na literatura feminina uma forma de expressar aquilo que não tivemos o direito de questionar, alias existe muito pouco escrito sobre as mulheres, suas contribuições, suas conquistas, a literatura nos permite analisar a verdade histórica sobre vida da mulher histórico-sócio-cultural. Assim, vemos a escrita literária feminina como o meio mais eficaz, para demonstrar algo que ainda não tinha sido nomeado, o movimento feminismo através da escrita na época da idade.

## RÉSUMÉ

Du Moyen Âge au monde Contemporaneo, il y a eu plusieurs événements historiques qui, à peine, sont des citadatas ou sont simplement mentionnés comme personnages secondaires. Le sexe masculin a toujours été loué pour son succès, car les luttes de femmes qui ont survécu et gagné des droits dans une société où elle n'est pas vue doivent être quelque chose à discuter et à retenir. nous essaierons d'analyser l'écriture littéraire phénoménale dans l'œuvre de Margarida Navarra. Dans le but de contextualiser le mouvement féminin au temps de l'époque à travers l'écriture féminine et, en même temps, de contextualiser le rôle de la femme dans la société. L'approche adoptée par la critique féminine sur la pérennité de Maria Ozana Zolin (2005), tandis que pour les aspects sociaux dans l'âge moyen Rute Salviano de Almeida (2010). Relier le travail à l'écriture féminine basée sur les études de Lucia Castelo Branco (2004). L'analyse montre que dans le roman onzième, montre la peur brûlante de la femme restent horanda devant une société, pour éviter circonstância pleuré désespérément, et a fini exposé à tout le monde dans une situation humiliante en présence de ceux qui ont si peur, ils étaient des hommes .

**Mots-clés:** Margarida Navarra. Femme Femme écrit.

#### REFERÊNCIA

ALMEIDA, R. S. *Uma voz na reforma*. São Paulo: Hagnos 2010.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *A Crítica Feminina*. In.: **Teoria da literatura: Abordagem histórica e tendência contemporânea**. Maringá: Eduem, 2005, 181-202.

BRANCO, L. C. *o que é a escrita feminina*. Brasília: Brasiliense, 1991(coleção primeiros passos 251).

NAVARRA, M. De. *Heptameron*. Tradução de Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. França: Editorial Estampa ltda., 1976.